

O BIOGRAPHICO

I ANNO

1 DE JUNHO DE 1880

NUMERO 9

JOÃO DE ANDRADE CORVO

Os homens verdadeiramente grandes pela sciencia e pela intelligencia, distanciam-se tanto das vulgaridades mesquinhas que alcançam um nome arrastando-se nos baixos asquerosos da politica partidaria, como o diamante de subido quilate e primorosa agua se distancia do calhau vitroso e luzido, que só deve o seu lustro e brilho a ser roldado nos lodações da beira-mar. Os primeiros, sobem e descem das eminencias do poder, ficando sempre distinctos, respeitaveis e dignos; os outros, mal descem das alturas a que os haja elevado a intriga e o interesse dos corrilhos, mostram depressa a sua insignificancia e nulidade e mergulham-se de vez no pelago do esquecimento.

João de Andrade Corvo não é hoje ministro! Da gerencia dos negocios publicos, dos conselhos da corôa, do fastigio da elevada posição que assoberba as massas e que tem sempre como guarda pretoriana a immensa cohorte dos cortezões de todo o poder constituido, passou á humildade relativa da sua vida retirada e intima, consagrada sempre aos estudos serios, aos escriptos uteis, aos trabalhos proveitosos no parlamento e na escola, mas por isso mesmo despida das gallas e das pompas que atrahem as vistas vulgares e os cumprimentos banaes! E comtudo, quem ha ahí que se não curva respeitosa e quando encontra esse honrado cidadão, esse homem distinctissimo de todos bem conhecido como yulto assignalado nas letras, nas sciencias e na politica? Incansavel obreiro nas luctas da palavra e da penna, e um dos dignos chefes do partido, que mais tem trabalhado pelo progresso, pelo engrandecimento, pela gloria da patria!

E' o seu retrato que hoje enobrece as paginas d'este jornal; e a nós, humilde, mas fiel soldado nas fileiras do seu partido, coube-nos a honra de sermos escolhidos pelos proprietarios d'esta folha, para, a par do retrato, apresentarmos

ao publico a historia nobilissima dos seus valiosos serviços.

E' sempre difficil a missão de fallar dos homens notavelmente conhecidos, e mais temerario o arrojo, quanto mais pequenas são as forças d'aquelle que tal intenta; mas como official da marinha, que tantos cuidados lhe deveu, como deputado que fomos das colonias, firmando com o nosso voto humilde, porém consciencioso, muitas das importantissimas medidas com que procurou restaural-as, e ainda mais como seu sincero admirador, dedicado e particular amigo, não podiamos declinar tão pesado, mas honroso encargo.

Não é uma biographia banal, nem um panegyrico officioso que escrevemos, consignando em rapidos e incompletos traços, o muito que ha para dizer com respeito a um dos mais nobres caracteres, dos mais celebres litteratos, dos mais considerados sabios, dos mais energeticos e previdentes politicos, com que se orgulha hoje Portugal. O nome de João de Andrade Corvo é saudado dentro e fóra do paiz, como um dos nossos mais insignes contemporaneos: e desnecessario se torna engrandecel-o com palavras, quando as obras se encarregam de provar que é mais que bem merecida a sua fama.

Não lhe fazemos a historia. Escrevendo estas linhas curvamos-nos respeitosos ante o elevado engenho, o profundo saber, a energica vontade e a potente iniciativa do ministro, que procurou erguer a marinha

de guerra nacional, da miserrima prostração a que chegára, e dar ás colonias o incremento, a força, a vida que ainda lhes faltavam.

João de Andrade Corvo é um d'aquelles homens, que devem a sua brilhante posição unicamente ao seu merecimento pessoal. A grandeza é a distincção nas letras e nas sciencias, e a sua elevada posição politica, deveu-as sómente ao talento e ao estudo; o respeito e a estima que todos lhe consagram, deveu-os, ás suas qualidades moraes, que estão a par dos dotes da subida intelligencia.



Trabalhador infatigável, começou muito cedo a sua carreira, cursando os estudos da engenharia militar com distincção; mas antes mesmo de os ter completado, e não contando ainda vinte annos de idade, era já professor na escola polytechnica, onde obtivera uma cadeira depois de um magnifico concurso em sciencias naturaes, a que se dedicára.

Avido de saber, sequioso de aprender tudo, porque a tudo se moldava a sua elevada intelligencia e esclarecido espirito, e tudo abraçava aquelle talento multiplo, mal acabára de se formar em engenharia foi cursar a escola medica; e o mancebo grave e sizudo, que n'esse tempo tivemos a honra de ter como professor, levantava-se da cadeira de lente da escola polytechnica, para ir, sempre serio e digno, tomar logar nas bancadas dos estudantes n'outras escolas. Mestre e discipulo, soube constantemente fazer-se considerar por mestres e discipulos, e ganhar em bons creditos o que alcançava em sciencia.

Mas, engenheiro, medico, agronomo, naturalista, nada d'isso era bastante áquelle genio de tão vastas aptidões, e abraçando tambem a vida litteraria, dentro em pouco ganhou um nome notavel como dramaturgo, romancista, jornalista e historiador; porque os melhores dos seus romances são, ao que julgamos os mais competentes criticos, estudos completos de épocas historicas.

Em 1852 a academia das sciencias chamou-o ao seu gremio, e deu-lhe logo o espinhoso mas honroso encargo de ir estudar o mal das vinhas da ilha na Madeira, sobre o qual apresentou uma esclarecida memoria.

Nomeado tambem delegado do governo portuguez na exposição de Paris em 1855, deu-lhe isso ensejo a mais completos estudos agronomicos, e á publicação de artigos e memorias sobre o assumpto; além de dois volumes, um sobre machinas agricolas e outro sobre climatologia e geologia de Portugal.

Encarregado, como presidente de uma commissão, de examinar os effeitos da cultura dos arrozacs com relação á hygiene, publicou tambem um bem elaborado e interessante relatório, por tal forma completo em dados estatísticos, que tem depois servido de base a todas as disposições regulamentares e legislativas.

Por occasião da crise alimenticia no paiz e quando se levantavam difficuldades, como consequencia das leis restrictivas do commercio dos cereaes, publicou igualmente — um estudo sobre o commercio dos cereaes em Portugal — o qual foi julgado tão perfeito, que serviu tambem de norma á lei que hoje rege esse ponto.

E não eram só estes e outros muitos trabalhos scientificos! A par d'elles, innumerados artigos de sciencias diversas, de litteratura e de politica, no *Jornal do Commercio*, na *Epoca*, nos *Annaes das sciencias e lettras*, em todas as folhas periodicas, por assim dizer; e — Ensaes poeticos e poemas como o *D. Gil*, e dramas e comedias e romances, como *O astrologo*, *Um conto ao servo*, *O alliciador*, *D. Maria Telles*, *Nem tudo que luz é ouro*, *Um anno na corte*, e tantos mais que não chega a acreditar-se como a um trabalhador assim, chegava ainda o tempo material para ao mesmo tempo ser lente na escola polytechnica, no instituto agricola, no instituto industrial, nos lyceus, prelector em todas as associações, membro de todas as assembléas, discursador em todos os gremios.

Não nos compete avaliar-o, n'estas tão variadas manifestações do seu altissimo talento. No catalogo dos homens eminentes da nossa patria, tem elle ha muito o seu logar marcado na primeira plana, e quando se diz de outros que sabem muito, diz-se de João de Andrade Corvo, que sabe tudo!

Eleito deputado em 1856, o sabio e o litterato revelou-se bem depressa homem de estado; e notaveis discursos sobre a instrucção publica fizeram-n'o escolher para o governo do paiz, subindo ao ministerio das obras publicas a 6 de junho d'esse mesmo anno.

E o ministro foi o que se esperava do sabio professor, do illustre litterato! um homem de pensamento e de acção, não recuando ante o trabalho e não deixando esfriar a idéa. As leis sobre o credito agricola, sobre as sociedades anonymas, sobre as cooperativas, são de sua iniciativa e obra sua. Os caminhos de ferro, as estradas, os caminhos vizinaes, o enxugamento dos pantanos, deram tambem assumpto a leis por elle propostas.

Saindo do ministerio em 1858 deixava um bom nome na

administração publica, e mostrara que o seu vasto espirito não se cançava e comprehendia todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Filiado no partido regenerador desde que principiou a figurar na scena politica, tem sido sempre fiel ao seu partido; e com elle foi elevado de novo ao poder em 13 de setembro de 1871, como ministro dos negocios estrangeiros.

E' d'essa época que datam as suas maiores glorias como homem de estado. Os negocios de Hespanha, tão complicados n'esse periodo pelas conflagrações por que passava aquelle paiz, mereceram-lhe sérios cuidados, como a quem os conhecia de perto, do tempo em que ali estivera como plenipotenciario, e que sabia como patriota quanto importavam a Portugal.

Ser ministro dos negocios estrangeiros quando ao pé da porta rufava o tambor das revoltas communistas, quando se ouvia o ruido da queda d'um throno, e lavrava o incendio do petroleo de Alcoy, não era cargo para se cubicar como vã ostentação de grandeza politica, nem para se dormir descansado sem pensar nos acontecimentos.

E chegados a este ponto, embora a occasião não seja das mais proprias para tratarmos da mal avisada politica que por ahi se tem feito no parlamento e nos jornaes da situação, politica vil e mesquinha em que as insinuações torpes e as mais baixas calumnias se forjam para deprimir os homens que então geriam os negocios publicos, e aos quaes elles — os denunciadores invejosos e calumniadores convictos — não podem nem saber egualar, não podemos furtar-nos ao desejo de lhes lembrar como em taes occasiões se gasta dinheiro *occultamente* para manter a precisa vigiância nos acontecimentos externos e nos movimentos internos, pagando a homens que se occupam n'esse *serviço occulto*, pelo qual recebem gratificações de que não passam recibo, e muitos dos quaes — perdão-nos Deus se com isto fazemos juizes temerarios, offendendo a honradez do nosso proximo —, podem mais tarde, levantar-se com o santo e com a esmolla, duvidando da honestidade de quem a dinheiro de contado lhes pagava a d'elles, avaliando-a a tantas libras por informação.

Mas deixemos a villania e a calumnia refocilando-se na sua propria torpeza, envenenar-se com a pestilente baba que asquerosamente distilla das fauces escancaradas pela inveja, e sigamos tranquilos o nosso caminho.

Deve-se á muita previdencia, seriedade e circumspecção no governo d'então, não ter Portugal soffrido os males das visinhas revoluções; e a grande sagacidade e fino tacto diplomatico do ministro dos negocios estrangeiros, fizeram considerar por todo o mundo politico, a sabedoria da administração publica d'este cantinho da Europa, que atravessava em paz e sem a mais ligeira perturbação, uma época, que parecia destinada a destruir e derrubar tudo, áquem dos Pyrenéus.

E tambem á sua intelligente direcção nos negocios e á acertada escolha, que fez do visconde de Paiva Manso para advogado na questão d'arbitragem sobre *Lourenço Marques*, que é devida a decisão em nosso favor; e possuirmos hoje aquella colonia, uma das mais promettedoras.

Mas, tratando d'esses complicados assumptos e apresentando ás camaras os *livros brancos*, cheios de importantes documentos diplomaticos, não se esquecia jámais de estudar a politica geral da Europa, nos seus mais secretos intentos; e a esse respeito, são admiraveis as suas *notas*, principalmente as que foram trocadas a proposito da *internacional*, quando se lhe exigia que o governo portuguez procedesse contra tal associação.

As respostas então dadas, patrioticas e liberaes, fazem o elogio do ministro que as escreveu e assignou.

Um só trecho como exemplo:

«Portugal está menos exposto do que as outras nações, pela situação, pelo caracter, pela moralidade e pelo patriotismo do povo, á influencia e acção perniciosa da propaganda internacionalista. Por estas considerações e sem apreciar a lei franceza no seu valor intrinseco, ou nos resultados provaes da sua applicação, julgo poder assegurar que, nem o parlamento, nem a opinião publica em Portugal, aceitariam sem grande repugnancia, uma lei com disposições semelhantes».

E apesar das instancias, não se acceitou, nem se promulgou a lei anti-liberal feita n'uma republica, e o Portugal monarchico, continuou a usar o seu direito constitucional, da mais ampla liberdade de associação.

Nomeado interinamente em fins de 1872 ministro da marinha e do ultramar, sem deixar a pasta dos negocios estrangeiros, o illustrado conselheiro da coroa continuou a dar constantes provas da sua infatigavel energia, da boa vontade no trabalho, do zelo e da intelligencia com que se applicava ao serviço da causa publica.

N'este ultimo cargo, que exerceu até 5 de março de 1877 — é que mais e melhor se revelaram os seus altos dotes como estadista.

Tomando conta de um ministerio para elle inteiramente estranho e de especialidades oppostas aos seus estudos e pratica alcançada na administração, em pouco tempo adquiriu perfeito conhecimento de tudo que era confiado á sua gerencia.

Relanceando o olhar de aguia sobre a definhada marinha e as abatidas colonias, viu os males e buscou-lhes os remedios; que em seguida applicou sem hesitações e sem recusas.

As reformas nos diversos ramos de serviço da marinha, nas classes do pessoal, a compra de novos navios de guerra, modernos systemas; a montagem de machinas no arsenal de cordoaria; a reorganisação do corpo de marinheiros; a criação de um regimento, ou legião do ultramar; a reforma das colonias; a extincção do trafico dos *culis* chinezes de Macau, e o acabamento da condição servil para a raça preta nas nossas provincias, são todas medidas de grande alcance administrativo, e que muito honram o ministro que as pensou e referendou, que as executou.

Porém se estas duas ultimas medidas já de si não são favoras pela idéa liberal e humanitaria em que se inspiram e devem ser proveitosas, como termo para a abolição de qualquer escravidão, dando em resultado o que se desejava, houve uma outra de mais subido alcance e de mais verdadeira regeneração das colonias.

Essa medida necessaria e util, como complementos das anteriores, era o grandioso emprestimo para os trabalhos e obras publicas de que tanto careciam e ainda carecem as provincias da Africa oriental e occidental, para que formarem em vastos e ricos centros de commercio e industria de ser por mais tempo aos olhos do mundo, exemplos de exemplares da nossa incuria e desleixo.

As provincias da Africa portugueza, até então estagnadas e entregues a si proprias, só caminhavam lentamente para o progresso. Aquellas feracissimas terras, que se acham ainda agora, sem cultura, sem industria, sem nada, só teem sido e são sorvidoras de riqueza e vergonha da mãe patria.

Pedia a boa politica e o interesse nacional, que se buscasse de remedio a tão grande abandono; que se não pôr em perigo no futuro a nossa autonomia, e que se não trangeiros se chegassem alguma vez a colonias, e não tinhamos força nem vontade para as defender, e não d'ellas nos expropriassem por interesse da patria, tirando-nos assim o principal motivo de sermos uma nação independente.

Todos o reconheciam n'essa epoca, todavia não se atrevia a arcar com a investida, e a cortar pela raiz o cancro da negligencia.

Fel-o como ministro do Ultramar o sr. Azevedo, que grandes males, grandes remedios, e o se comprehendeu de prompto, que só o empenho, e a perda de lousaes, em dinheiro e em acção, poderiam criar um novo modo de ser.

Lê-se no magnifico relatorio que precedeu a lei:

«Para que os capitaes procurem as fontes de producção das nossas provincias, e a emigração busque aquelles paizes longinquos, de preferencia aos da America, e que se implantem e desenvolvam esses grandes centros de civilisação, que no presente seculo teem de ser o modelo. Combata-se a insalubridade, melhorando a higiene das povoações e esgotando estas com seus miasmas mortiferos; er

dos
car
da
c



A «É necessario que isto se diga e se repita muitas vezes, porque é necessario possuir uma grande fé nos principios e idéas bem fixas de administração, para que um ministro portuguez ouse imprimir uma direcção nova aos negocios publicos, quando para isso é necessario augmentar as despezas do estado.

«O sr. Corvo teve essa coragem, e tão patriótica e tão sensata foi a sua gerencia, que nem uma só voz se levantou para condemnal-a, e nenhum governo de futuro deixará já de segul-a.»

E deixando-nos de mais transcripções desnecessarias, finiremos dizendo que o illustre ex-ministro deixou o seu nome vinculado ás provincias ultramaridas, pelas mais inteligentes e audaciosas medidas.

João de Andrade Corvo, na sciencia, nas lettras e na politica é um dos vultos mais notaveis do paiz. Cobrem-lhe o peito as grã-cruzes e commendas nacionaes e estrangeiras, como premio de seus elevados merecimentos; mas o titulo mais precioso do seu nome, que será brazão glorioso da sua vida publica, é o nome de estado, deu-lh'o a sua poderosa iniciativa na organização das colonias de Portugal.

CARLOS EUGENIO.

EXPEDIENTE

As alterações feitas nas officinas superiores á vontade da redacção deste jornal, e sobretudo a mudança de typographia, tem causado a demora na publicação do presente numero, demora de que os estimaveis assignantes serão compensados por uma regularidade inalteravel, observada d'aqui em diante na publicação do nosso jornal.

O NOGRAPHO publica-se nos dias 1 e 15 de cada mes. O seu preço é: provincias, 40 réis. Brazil, ilhas e ultramarinas, 50 réis. As assinaturas em Lisboa são pagas no adiantado. Para as provincias só se recebem as assignaturas por tres mezes. Para o Brazil e possessões ultramarinas, deveser feita a assignatura por seis mezes. O correio por conta da empreza. A correspondencia deve ser dirigida a: NOGRAPHO, Travessa da Boa Hora, 63.

Artigos publicados nos numeros anteriores:
Castello Branco, biographia por
ascarenhas, por J. Oliveira Pires.
Frigues Sampaio, por Ferreira Lobo.
Monteiro, por Alberto Pimentel.
Paço d'Arcos, por dr. Cunha Bellem.
Santa Maria, por Dantas Baracho.
Soares Franco, por Fernandes Costa.
Tachado, por Sousa Bastos.

LISBOA

Officina do DIARIO ILUSTRADO
Travessa da Boa Hora, 63

